



Sarney se exalta na tribuna do Senado: ameaça de contra-atacar com 540 mil documentos

seu partido, o PMDB, procura esquecer: há meses, ele é o peemedebista mais bem situado nas pesquisas de opinião. Com isso, o ex-presidente deixou em plano secundário o que acredita ter sido apenas uma vingança pessoal de Nascimento Brito, diretor do *JB*. Durante seu governo, Sarney recusou uma proposta de renegociação da dívida financeira do jornal, estimada em US\$ 25 milhões. Nascimento Brito, segundo acredita o ex-presidente, atribui a recusa à sua amizade com o jornalista Roberto Marinho, proprietário de *O Globo* e concorrente direto do *JB*. Para surpresa de seus colegas senadores, Sarney exibiu a

carta-proposta de renegociação feita pelo jornal. Numa espécie de prévia do nível de radicalização a que pode chegar a campanha presidencial do próximo ano, deixou ainda uma velada ameaça no ar: avisou que tem outros 540 mil documentos catalogados, que podem ser sacados a qualquer momento contra os adversários. "Quando tiver que decidir se saio candidato, não vou fazer com medo desse terrorismo moral", assegura o ex-presidente.

Sarney está convencido de que a "orquestração" beneficia principalmente a dupla Fernando Henrique Cardoso-Antônio Britto, e por consequência o presidente Itamar Franco, que vê nos dois ministros a dupla ideal para breçar o avanço da candidatura Lula. De fato, as atitudes do Palácio do Planalto parecem confirmar as apreensões do ex-presidente. Na semana passada, por exemplo, Itamar mandou um ofício a todos os ministros, pedindo que informem se pretendem concorrer às próximas eleições. Sua intenção é trocar os ministros-candidatos já em dezembro. Menos, exatamente, Fernando Henrique e Britto, que prefere manter no governo até a data-limite para a desincompatibilização, em abril. É o prazo certo para o ministro da Fazenda, que então contará com uma avaliação segura dos resultados do plano econômico a ser lançado. Se o plano der certo, a candidatura de FHC pode se tornar irresistível, mas dentro do Palácio do Planalto e nas cúpulas do PSDB e do PMDB já se trabalha com a hipóte-

SUCESSÃO

Uma dupla do Planalto

Sarney contesta denúncias de corrupção e vê manobra para favorecer Fernando Henrique e Britto

LUIZ ANTONIO NOVAES E RAYMUNDO COSTA

Desde que voltou ao Congresso num pára-queda do PMDB do Amapá, na eleição de 1990, o ex-presidente José Sarney ocupou duas vezes a tribuna do Senado. Na primeira, em abril de 1991, fez um discurso saudando os 100 anos do Supremo Tribunal Federal (STF). Na quarta-feira 17, Sarney tornou-se o segundo ex-presidente da República – o outro foi Getúlio Vargas – a subir à tribuna para se defender de acusações de corrupção. No primeiro discurso, ele se comportou de acordo com a liturgia exigida para a ocasião, permitindo-se até alguns rompantes literários. Na quarta-feira, rodou a baiana e protagonizou o lance mais dramático de uma semana marcada por intensas articulações com vistas à sucessão de Itamar Franco. Algumas delas inimagináveis até poucos dias, como a abertura oficial de negociações entre o PMDB e o PSDB para uma coligação em 1994. A sucessão também esteve na origem da decisão que levou Itamar a antecipar para dezembro a reforma do Ministério pro-

gramada para abril – e assim se livrar desde logo de figuras incômodas ao governo como a do ministro da Integração Regional, Alexandre Costa, há um mês na mira da CPI do Orçamento.

O que deixou Sarney profundamente irritado foram duas manchetes publicadas pelo *Jornal do Brasil*. No Dia de Finados, o jornal resolveu enterrar as pretensões do ex-presidente e escreveu: "CPI sepulta candidatura de Sarney." No domingo 14, denunciou que em seu governo ele havia comprado cinco imóveis no bairro do Leblon, no Rio de Janeiro. Uma "orquestração", segundo o senador, que tem como objetivo desestabilizar sua possível candidatura à Presidência em 1994. O ex-presidente não se considera contaminado pelo envolvimento de alguns aliados na CPI do Orçamento, caso de Alexandre Costa. Também jura não ter apartamentos no Rio – seus filhos Roseana, José e Fernando é que possuiriam três imóveis na cidade. No fundo, Sarney até gostou da confusão, que lhe permitiu lembrar o que

se de que, depois, ele não terá mais como abandonar o barco da economia.

O primeiro a trocar o Ministério por uma candidatura foi o titular da Indústria, Comércio e Turismo, José Eduardo Andrade Vieira. Na sexta 19, depois de almoçar com executivos financeiros no Jockey Club do Rio, Andrade Vieira, senador pelo PTB do Paraná, anunciou sua saída do governo em favor de uma futura candidatura. A candidatura do ministro da Previdência, Antônio Britto, foi adotada tacitamente na reunião da Executiva Nacional do PMDB, na manhã de quarta-feira, como uma espécie de tábua de salvação do partido. Para aumentar as chances dessa salvação, os líderes peemedebistas se voltaram para os *tucanos* e foram bem recebidos. Frente à constatação comum de que só o PT tem sido favorecido pelas repercussões do trabalho da CPI do Orçamento, os interlocutores do PMDB e do PSDB fizeram uma análise da situação dos dois partidos no País. Em 14 deles, *tucanos* e peemedebistas já se puseram de acordo. Em outros cinco, as conversas vão bem. Essa perspectiva de aliança esbarra na realidade política regional de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. No Rio e em Minas, os dois partidos ainda contam com a remota perspectiva de que os ex-governadores Moreira Franco e Newton Cardoso desistam da reeleição e disputem uma vaga na Câmara.

Quase impossível é montar um parlance em São Paulo capaz de juntar o senador Mário Covas, candidato do PSDB ao governo estadual, e o ex-governador Orestes Quéricia. Sem São Paulo, não haverá aliança. "Coligação, só se for nacional. Não dá para defender o candidato a presidente de um partido e o candidato a governador de outro", adverte Covas. Britto, por sua vez, tem deixado claro que só entra na parada para ganhar, amparado num amplo e variado apoio partidário. Caso contrário, prefere disputar o governo do Rio Grande do Sul. "É praticamente impossível a coligação ou fusão entre os dois partidos", diz o deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE), o primeiro a propor, há quase seis meses, a aliança entre as duas legendas. Igualmente pessimista está o governador do Ceará, Ciro Gomes, que preferiria a adesão pura e simples de gente como Britto, Pedro Simon e Jarbas Vasconcellos ao PSDB. O presidente do PMDB, Luiz Henrique, diz a amigos que está preocupado em não passar para a história como "coveiro" do PMDB. Por isso, reza para que o acordo salvador com o PSDB dê certo. ■